

MALANDRO (sujeito que não trabalha, vive de expedientes e costuma abusar da confiança dos outros/ sujeito sabido, finório: Malandro não estrila (expr. Pop.))

Antonio Cândido: "O malandro, como o pícaro, é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores. Já notamos, com efeito, que Leonardo (Memórias de um Sargento de Milícias) pratica a astúcia pela astúcia (mesmo quando ela tem por finalidade safá-lo de uma enrascada), manifestando um amor pelo jogo-em-si que o afasta do pragmatismo dos pícaros, cuja malandragem visa quase sempre ao proveito ou a um problema concreto, lesando frequentemente terceiros na sua solução. Essa gratuidade...".....  
"... uma visão muito tolerante, quase amena. As pessoas fazem coisas que poderiam ser qualificadas como reprováveis, mas fazem também outras dignas de louvores, que as compensam. E como todos têm defeitos, ninguém merece censura."

Margot é verdadeira malandra? Ou não, é otária. É otária enquanto apaixonada. O malandro se apaixonou? Caso sim, é um otário provisório? Se o malandro nunca se apaixonou e, logo, nunca é otário, é malandro de valor? O malandro é um cínico? É um filho da puta? O M.F. (toc toc) pensa que é malandro. É isso, um malandro?

A. Cândido "Na formação histórica dos Estados Unidos houve desde cedo uma presença constritora da lei, religiosa e civil, que pãasmou os grupos e os indivíduos, delimitando os comportamentos graças à força punitiva do castigo exterior e do sentimento interior de pecado. Daí uma sociedade "moral", que encontra expressões no romance...."..."Esse endurecimento do grupo e do indivíduo nonfere a ambos grande força de identidade e resistênciaM mas desumaniza as relações com os outros, sobretudo os indivíduos de outros grupos, que não pertencem à mesma "lei" e, portanto, podem ser manipulados ao bel-prazer"... " a alienação...: marca de reprovação e castigo do réprobo" quer dizer, o marginaliaado é marginalizado mesmo, ou mais... "o duro modelo bíblico do povo eleito, justificando a sua brutalidade com os não-eleitos, os "outros", reaparece nessas comunidades de leitores quotidianos da Bíblia"... " no Brasil, nunca os grupos ou indivíduos encontraram efetivamente tais formas"... "As duas situações diversas se ligam ao mecanismo das respectivas sociedades: uma que, sob alegação de enganadora fraternidade, visava a criar e manter um grupo idealmente mono-racial e mono-religioso; outra que incorpora de fato o pluralismo racial e depois religioso à sua natureza mais íntima",,, "Não pretendendo constituir um grupo homogêneo e, em consequência, não precisando defendê-lo asperamente, a sociedade brasileira se abriu com maior largueza à penetração dos grupos dominados ouyestranhos. E ganhou em flexibilidade o que perdeu em inteireza e coerência!"....."Na limpidez transparente do seu universo sem culpa, entrevemos o contorno de uma terra sem males definitivos ou irremediáveis, regida por uma encantadora neutralidade moral. Lá não se trabalha, não se passa necessidade, tudo se remedeia. Na sociedade parasitária e indolente, que era a dos homens livres do Brasil de então, heveria muito disto, grças à brutalidade do trabalho escravo, que o autor elide..."



Acho enfim que tem que ficar claro o seguinte: a gratuidade da malandragem. Quando o malandro passa a fazer da malandragem uma profissão fixa, deixa de ser malandro. Não é otário, mas também não é malandro. Ele tira diploma e carteirinha de malandro, daí deixa de ser malandro. E acha que o verdadeiro malandro é otário.

O perigo é o de se pretender defender uma tese, moralista e nadamalandra, segundo a qual o malandro, ao entrar em contacto com a cultura dominante, presumindo devorá-la oswaldianamente, acaba sendo devorado. O malandro do desafio seria esse novo malandro que consegue incorporar os trejeitos, a goma de mascar, o isqueiro Zippo, contrastando com o malandro tradicional. Mais adiante, ele acaba sendo deglutido pelas GES, RCAs e Philips da vida. Pode ser. Mas é isso que nós pretendemos denunciar?

O malandro vira um Maluf.

O malandro Max pode ter uma visão (ou a Lu por ele) bastante fatalista da malandragem: ela vai acabar e ponto. O trabalho escravo a que se refere o Antonio Cândido, em relação ao livro do Manuel Antonio de Almeida, esse trabalho corresponde ao dos operários que Max procura evitar. Na cabeça de Max, o futuro do malandro está condenado. Se ele não se tornar um empresário, será um escravo. O próprio Sático, que o contesta no início, termina o filme como empregado de malandro-empresário. A nossa história confirma essa visão de Max: o malandro vai acabar. Tornar-se-á patrão ou empregado, ou será um marginal completo, um bandido. Subirá o morro, andarão armado, não é mais malandro.

O malandro em extinção, portanto, é malandro de graça. Não quer levar vantagem em tudo, nem sacanear o outro, a não ser pelo prazer lúdico da coisa. Detesta ser passado pra trás, é certo. Mas aí já é questão de amor próprio e de afirmação de sua identidade. Ser passado pra trás é dar recibo de otário, Malandro é muito orgulhoso de sua condição. Malandro respeita malandro. Tentar passar o outro para trás é duvidar da condição do outro. Conseguir passar o outro para trás é provar a falsidade ideológica do outro. Malandro não gosta de falso malandro. É como um espião, um alcaguete. Não merece conviver na malandragem, conhecer os códigos, é mesmo um traidor. Porém, lembrando o Antonio Cândido, inexistente ou quase na mentalidade dessa gente uma intenção segregacionista. Se o cara é um tintureiro japonês, jamais será malandro e é aceito como tintureiro japonês. De certa forma, convive com eles. Se o cara tem bossa pra malandro, pode até ser adotado e iniciado nas práticas. É bem-vindo, não como um mafioso na "famiglia", mas como uma prova viva e promissora de que a raça se perpetuará.

Max seria um malandro descrente da perpetuação de sua espécie. Quero dizer, transforma-se nesse descrente a partir do encontro com Lu. No desafio com Sático, defende a idéia de que a malandragem precisa se renovar, e pede o apoio de seus colegas, sem os quais estará só e perdido.

Max entende que ser malandro é abandonar o barco furado da malandragem.

O futuro do malandro, se não se cuidar, divide-se entre subir o morro e virar marginal ou cair na Real Fábrica de Grampos. Se cuidar significa dar a volta que ele dará, transformando-se no próspero Max Overseas.

O JARBA E NOVO MALANDRAGEM: já é o novo malandro? / o trabalho escravo?



O NOVO FOLHETIM: idéias soltas

macumba pra turista  
a vontade do cliente  
o que ele quer, a gente faz  
baixa o santo na boate  
o que ele quer, a gente é  
ah, se mamãe me visse agora  
o gringo quer mulata cor de jambo  
quer que eu dance o mambo  
me quer morena chocolate  
por causa dele dancei rumba e fox-trot para inglês ver  
sou homem, sou mulher  
sou as duas soisas  
sou rumbeira  
havaiana de sombreiro  
~~mexicano~~ mexicano de chimarrão  
pra inglês ver  
sou do rio de janeiro  
capital buenos aires  
sou cubana *eu baiana*  
de copacabana  
sou maricón  
toco bandoneon  
e pandeiro  
ele é quem paga  
tem que ficar satisfeito  
uso chicote com tachinhas  
travestis  
a gente é folclore  
a gente tem que agradar  
à primeira vista  
ao turista

a mulher malandra (não mulher de malandro) é a que consegue sobreviver numa boa, isto é, alegremente. Não é bem assim. A malandra, personificada pm Margot, não tem nada de malandro. É mulher. Pode ser a protegida de um figurão que ela não ama ou a explorada do malandro. Não passa ninguém pra trás, não tem muito esse sentido lúdico, é romântica ao extremo. Essa malandragem ela só exerce na vida fictícia, ou seja, no palco ou nos hotéis, com seus clientes. É malandragem no sentido de que elas se divertem representando papéis. Já que têm que fingir amor por um turista qualquer, elas tiram sarro desse fingimento. O que poderia ser uma prostituição dolorosa, ou asquerosa, consegue ser transformado numa representação de comédia. De certa forma, preserva-se a mulher para o companheiro, gigolô ou não, amado na vida real.



Ao mesmo tempo, CATARINA tenta jogar TEO para cima de GABI. Como não há laços de sangue entre os dois, CATARINA não hesita em dispensar os criados, apagar as luzes estrategicamente, amarrar situações para que seu filho seduza GABI, já que CATARINA tem medo que o velho OLIVA dê o controle da fábrica para ela. Dessa forma, seria uma maneira dela assegurar tanto seu futuro como o de TEO. Mas o filho não corresponde. É inseguro com as mulheres, não sabe onde colocar as mãos, do que falar. Seus repetidos fracassos só fazem deixar CATARINA mais irritada e dura com ele, e a ele mais tímido e inseguro.

A única travessura que faz é ir treinar futebol escondido no SANTANA SPORT CLUB, onde não passa de um reserva. Não se importa em não ter chance no time, gosta mesmo é de estar num lugar em que não cobram nada dele e onde sente que tem um certo talento para alguma coisa. Mas morre de medo de ser descoberto pela mãe ou pelo avô, que querem tudo para ele, menos que seja um "vagabundo que joga bola!"

TEO é muito solitário e com o tempo vai se tornar amigo de um moço de sua idade, FRANCESCO, filho de uma família de classe média baixa. Vai tentar aprender com o outro como se faz para conquistar uma garota, como passar por cima dessa sua timidez exagerada, mas vai se meter em encrenca: vai se apaixonar justamente pela irmã de FRANCESCO, a linda, sexy e segura de si ANGELINA. Para conquistar uma mulher como aquela, TEO vai ter que mudar muito. Será possível?

#### 9. SABINA TRAVATTI - BINA

(IDADE: 50/55 ANOS)

Mulher bonita e conservada para a idade, é grande, tem seios fartos, curvas que ainda começam e terminam nos lugares certos e sabe disso. Gosta de usar decotes, brincos, tudo que a valorize - o que deixa desesperados seus filhos, já que eles tem um pouco de vergonha daquela mãe fogosa ~~mas não se dá conta~~. É viúva há alguns anos e defende o direito que tem de sair com quem quiser. E não adianta os filhos serem grandes e fortes, porque ainda está para nascer o homem que vai mandar em SABINA TRAVATTI - ou, como todos a chamam na Vila dos Prazeres, a DONA BINA.

BINA é uma mulher que exagera em tudo. Quando fica brava e briga com os filhos - o que acontece pelo menos duas vezes por dia - é capaz de



ALEXANDRO  
a vida n' e' bracedeira

Te' grande o meu  
n' e' f'icil

1º A FUNDO  
e  
TIRAR O  
CORPO  
SAIR  
LEVE DE

malandros  
n' e' (fricote + frescura) <sup>matilde de</sup>  
e' 1 elegancia <sub>n' e' falta de caracter</sub>

e' pe artista  
mesmo

um (hibridos) <sup>com</sup> pulper circunstancia  
SAIR BONITO DE (n' n'?) QUANDO CIRCUNSTANCIA

fricote e' o ta-falco  
n' e' um bicho e' n' um ta-falco

pe n' malha  
Te' n' alguma arte prova  
Ainda n' leu e n' se n'ja  
Jalta n'ja, danca  
Doub' esse p'nc  
esse cadencia  
Chado o melado  
entre os n'je  
a p'le que  
desn'cia  
e' 1 elegancia

n' e' frescura  
e' 1 elegancia  
sair bonito de pulper circunstancia

e' 1 potuze  
e' 1 elegancia  
in inventado 1 n'ha anto-ur

pe n' lete

N' perde a n'rd  
Por pulper chose

com  
v' n' n'rd com 1 aristocrite

e

ele de us vs de pi  
o apito de chamãe (a chunca on to)

sendor

ele e' o basão de rale'

Um avic, um che ic re'

Um o e o peão  
ni de ambação m ele e'  
m sou ho de am rã  
ele e' o basão de rale'



CONTRA TODA INSTITUIÇÃO

1. E

O MALANDRO TOMA O CAFÉ

QUANDO O APITAO DA CHAMINÉ  
BÁ POR ENCERRADA A SESSÃO  
É QUANDO ELE FICA DE PÉ  
OPERÁRIO NA CONTRAMÃO  
O MALANDRO É O BARÃO DA RALE

A QUE QUASE  
CE BALE

2. NÃO  
ELE NÃO

TIAO, JOAO, JOSE  
MAS ELE É MAIS DO QUE É  
ECE É O BARÃO DA RALE  
BRASÃO

(D. WIKOTE → MOINHOS)  
(MALANDRO → CHAMINÉ'S)

DESAFIA CHAMINÉ'S  
É O CAVALEIRO  
ELE É O BARÃO DA RALE

PALAVRA  
E XINGA UMA CHAMINÉ' (E' UM SUJITO DE CAMPELO)  
É O CAVALEIRO  
ELE É O BARÃO DA RALE'

ESSE NOBRE O GALANTE CAVALIRO A DE (CAVALIRO ambulante  
NA MÃO (traço  
galante

A NAVALIA CONTRA A CHAMINÉ' (MAS NÃO)  
SEM DE TODOS A ADMINAÇÃO  
O MALANDRO É O BARÃO DA RALE'

REX E (NÃO)

(o) malandro não sabe a história — é  
(mas) tem (sempre) a reputação de pé-  
(mas) tem (sempre) a calçada de chibão  
(mas) tem (sempre) a reputação de chulé  
(mas) é (sempre) maluco, mas não

O VELHO MALANDRO (letra rex)

É

(O) malandro, orgulhoso ele é (malandro esperto ele é)

(O) malandro não ganha um tostão (malandro não tem tostão)

(Mas) ~~malandro~~ <sup>jamaiz</sup> confundir com ladrão (não confundir com ladrão)

Cavaleiro que só anda a pé

Parece mentira, mas

Não

É um piloto sem seu avião

È saber quese um dia qiser (e se for apostar, joga até)

É a navalha contra a chaminé

Mas pra que, se ele é campeão

O malandro é o barão da ralé

É

O malandro, ele gante ele é

O malandro não tem profissão

Mas jamaiz confundri com ladrão

Ele é um cavaleiro a pé

Parece mentira, mas

Não

É um piloto faltando avião

Mas é mais ele mesmo e faz fê (e se for pra jogar, leva fê)

Na navalha contra a chaminé

Mas pra que, se ele é campeão

Ø Malandro é o barão da ralé

*Tu  
Ande sobre o m do tu  
Pok*



Malandro não quer que diga  
~~Malandro não quer que diga~~ Mas desde a (primeira) (mais tenra) idade  
Malandro aprendeu a ginga  
Po necessidade

Engatinhando no Rôo

Saltando no meio-fio  
Com dignidade

E foi ficando o macete (~~wwwwww~~) (e o passo que é cacoete)  
A malandragem de infância ( (herdado daquela infância)  
Agora estenda um tapete (gingando pelo tapete)  
É uma elegância

Malandro não quer que diga  
Mas desde a mais tenra idade  
Malandro aprendeu trapaça  
Por necessidade

Roubando fruta na feira  
Fugindo da autoridade  
Fumando qualquer besteira  
Com dignidade

Malandro não quer que diga  
Mas desde a primeira idade  
Ele inventou a ginga (desenvolveu a ginga) (incrementou a ginga)  
Por necessidade

Cratera, ~~cratera~~ <sup>cratera</sup> do Rio  
Inchenta, calamidade  
Andar no meio-fio  
Com dignidade

Parece até cacoete  
Seria coisa de otário  
Gingar <sup>num</sup> ~~em~~ tapete  
É tão desnecessário

Que é uma elegância  
É uma elegância  
Sair bonito de qualquer circunstância



Taí o malandro outra vez na cidade (de verdade)  
Taí o malandro gingando feliz  
Se andou passando por dificuldade  
E le é malandro  
E malandro não diz  
A ginga do homem não é cacoete  
É de saber evitar os ardis  
E se noutra circunstância  
A vida for um tapete  
É uma elegância  
É uma elegância

Taí o malandro outra vez na cidade  
Se andou passando por dificuldade  
Que não se pode dizer

O resultado  
não tem importância  
mas vale o (risca do)  
do que a primeira

E o malandro, o que é  
É o ilustre João  
É o José Campeão  
É o barão de talé



Taí o malandro outra vez na cidade  
Se dando importância  
Se diz que enfrentou a pior circunstância  
Mas hoje ele ginga à vontade  
Não tem a menor implicância  
Na realidade  
É uma desnecessidade  
É uma elegância

Taí o malandro fazendo projeto  
Se dando importância  
Gingando  
Parece que o chão não é reto  
Parece um agente secreto  
Medendo a distância  
Não é bem um trajeto  
É uma elegância

Taí o malandro outra vez na cidade  
Se dando importância  
Gingando, parece que ~~vão xé xé xé xé xé~~ (Andando, ...)  
Parece que não é verdade  
Parece que toma distância  
Mas perde a vontade  
É uma desnecessidade  
É uma elegância

*(nem) de barco*

Taí o malandro outra vez na jogada  
Se dando importância  
Gingando que parece até circunstância  
Parece que não tem calçada  
Parece que toma distância  
Parece ~~uma~~ parada  
Não ~~o~~ é por nada  
É uma elegância

*o de do por cima de sua aventura*

*parece fu vai de jogar*

*vou a*

*Depois calçada*

Taí o malandro outra vez no cenário

Taí o malandro outra vez no babado (meado) (bocado)



Me pira do dedo a garrucha

Melhor que a garrucha  
é (a impressão) do dedo  
meio por o resultado  
o adopo de ta miso hipotese

o outro lado

### cheio de circunstâncias

ter o melhora outa vez o outro (na cidade)  
proprio (o ditado)

se outa pessoa  
de habilidade

para circunstâncias

se hoje ele and o outro  
de puz

na cidade  
já é arropiada

é uma desneabilidade  
é uma elegancia

perfeição

parece <sup>pingado</sup> por o chinã é reto  
parece que te la traço  
parece por ta o proprio  
parece por apito secreto

nao me tem o tempo  
ta hella me amando

gostando comem e alga mananciais  
chue na tem no centro mas em puz vocabulário

Melhor sempre  
do que com o bicho



EIS

O malandro na roda (boca) outra vez

Como um leão na parte dos pés

e' dividido no unção (como se por um unção  
almoço no caturis

e se inclinam as chamas

O salário me de não tem  
mas gosto  
O vocabulário  
me de não tem  
e simente mas basta



Eis

O malandro na rua outra vez

*O malandro de pé e no bico*

Caminhando nas pontas dos pés

Como quem pisa nos corações

Que rolaram dos cabarês

Entre carnavais e paixões

Entre anúncios e chaminês

Entre rádio-patrolha e ladrões

Por andar ~~em~~ em dez direções (~~por andar em~~ contradições)

O malandro anda assim de viés

*Pé de de pé e  
malandro de pé  
com miúdo de pé  
e pé bravo (de pé) assim  
de pé e  
no pé  
O malandro pisa no ... / ... chegando na ponta*

(ele chega na ponta dos pés)



Eis

O malandro na rua outra vez

Caminhando na ponta dos pés

Como quem pisa nos corações

Que rolaram dos cabarês

Entre carnavais e paixões

Entre anúncios e chaminês

Entre rádio-patrolha e ladrões

O malandro anda assim de viés

(como quem não desperte paixões)  
(ou seja a de saber o coração) Ou quem pisa nos corações

~~Malandro anda de viés~~  
Malandro anda de viés

(Ou quem desperte paixões)

Ou caminha entre os corações ou quem pisa nos corações

Que rolam dos cabarês

Como quem  
ou quem anda entre mil corações  
Que rolam dos cabarês



Eis

O malandro na rua outra vez  
Caminhando na ponta dos pés  
Como quem pisa nos corações  
Que rolaram dos cabarês  
Entre <sup>dames fatais</sup> coquetéis e ladrões  
Entre amigos e chaminés  
Entre rádio-patrolha e canções  
O malandro anda assim de viés

~~Entre amigos e chaminés~~ de espaldas (proclamações)  
Assassinos e chaminés  
Entre rádio-patrolha e canções

no fim  
Caminhaço

dames fatais  
entre dames da noite e ladrões

entre (antigo rivais) e paixões  
entre (devidos) e chaminés

Entre rádio-patrolha e ladrões

entre (antigo rivais) e paixões

entre devidos e chaminés

entre rádio-patrolha e ladrões

O malandro anda assim de viés

no fim da navalha  
Vai entre rivais e paixões  
(credores e chaminés)

O malandro é o barão da relé

Eis

O malandro na rua outra vez  
Caminhando nas pontas dos pés  
Como quem pisa nos corações  
Que rolaram dos cabarês  
O malandro anda assim de viés  
Que é pra se esquivar dos senões  
Dos portões e das chaminés

e pé firme cair portões  
e estourar as chaminés

O malandro anda assim de viés  
Como a se esquivar dos portões  
Onde e portões  
Onde das chaminés

Entre <sup>portões</sup> (ciladas) e ~~portões~~ <sup>espiões (luchas)</sup>

Entre amigos e chaminés

Entre a rido rebul e albedões e as conqueiros

O malandro anda assim de viés



## A VOLTA DO MALANDRO

Eis

O malandro na praça outra vez

Caminhando na ponta dos pés

Como quem pisa nos corações

Que rolaram dos cabarês

Entre deusas e bofetões

Entre dados e coronéis

Entre parangolés e patrões

O malandro ~~em~~ anda assim de viés

Deixa balançar a maré

E a poeira assentar no chão

Deixa a praça virar um salão

Que o malandro é o barão da ralé

A VOLTA DO MALANDRO

Eis

O malandro na praça outra vez  
Caminhando na ponta dos pés  
Como quem pisa nos corações  
Que rolaram dos cabarés

Entre deusas e bofetões

Entre dados e ~~chaminés~~ (coronéis)

Entre parangolés e prisões (espiões) (patroões)

O malandro anda assim de viés

Deixa balançar a maré

E a poeira assentar no chão

Deixa a praça virar um salão

Que o malandro é o barão da ralé



A VOLTA DO MALANDRO

Eis

O malandro na praça outra vez  
Caminhando na ponta dos pés  
Como quem pisa nos corações  
Que rolaram dos cabarês

Entre deusas e bofetões  
Entre dados e chaminês  
Entre coronéis e ladrões  
O malandro anda assim de viés

Deixa balançar a maré  
Que a poeira assenta no chão  
Quando a praça parece um salão  
O malandro é o barão da ralé

A VOLTA DO MALANDRO

Eis

O malandro na praça outra vez  
Caminhando na ponta dos pés  
Como quem pisa nos corações  
Que rolaram dos cabarês

Entre deusas e bofetões  
Entre dados e chaminés  
Entre coronéis e ladrões  
O malandro anda assim de viés

E parece que vira um balé  
Quando a noite confunde a ~~noção~~ *visão*  
Quando a praça parece um salão  
O malandro é o barão da ralé

*E mentirosos, policiais e ladrões*

*Deixe plenas a noite*

*Quando a praça vira salão*



Eis

O malandro na praça outra vez

Caminhando nas pontas dos pés

Como quem pisa nos corações

Que rolaram dos cabarês <sup>deuses e boletos</sup> ~~betulões~~

Entre bacanaís e paixões <sup>em dedos e</sup>

Propagandas e chaminês <sup>corações</sup>

Entre policiais e ladrões <sup>relatôs</sup>

O malandro anda assim de viês

(Mas)

E parece que vira um balé

Quando a <sup>noite</sup> gente não presta atenção

Quando a praça parece um salão

O malandro é o barão da ralé

gds o write-irly do...  
irly do...  
e e man...  
minis...  
com... - U. São  
(gds o write-irly de...)

E parece me parece balés

Quando a noite ~~parece~~ <sup>parece</sup> a gente (do... os...)

Quando a praça parece salão

O malandro é o barão das ralés

E parece me parece balés

Quando a noite ~~parece~~ <sup>parece</sup> a gente

Quando a praça parece salão

O malandro é o barão das ralés

Eis

O malandro na <sup>(praça)</sup> rua outra vez  
Um malandro da <sup>(classe)</sup> praça dos bons  
Caminhando na ponta dos pés  
Como quem pisa nos corações  
Que rolaram dos cabarês

*O malandro velho*

Entre carnavais e paixões  
Entre anúncios e chaminés  
Entre rádio-patrolha e ladrões  
Por andar em dez direções  
O malandro anda assim de viés

(letra rex)

e pode ser  
que toda a malandragem tenha fim  
que todos os barões rezem por mim  
que todas as verdades sejam nossas  
e vossas

Pois é

O malandro no fundo o que é  
o malandro é um ilustre João  
o malandro é um coitado José  
O malandro é um José campeão  
O malandro é o barão da ralé

*E parece(m) em outros (bale?)*

*Quando as coisas destrói o amor  
Quando os meus parece velhos  
E o malandro é o barão dos velhos*

*E a vontade em quase bale'  
Quando e muito dishege o amor  
Quando e pouco parece velhos  
O malandro é o barão dos velhos*

*E parece por vezes em bale' (onde - dita)  
Quando e muito (mas não estaca) em praça e chacin  
Quando e pouco parece velhos  
O malandro é o barão dos velhos*